

Universidade de Zagreb

Faculdade de Filosofia e Letras

Departamento de Línguas Românicas

Cátedra de Língua Portuguesa

Traduzir Manuel Alegre: 'O Quadrado e outros contos'

Estudante:

Martina Kovačić

Mentor:

dr.sc. Nina Lanović

Zagreb, 2014.

Índice

1. Introdução.....	2
2. Manuel Alegre - biografia.....	3
2.1. Obra literária de Manuel Alegre.....	3
3. Tradução do livro <i>O quadrado e outros contos</i>	5
4. Análise dos principais motivos da obra.....	21
4.1. Contos motivados por uma frase.....	21
4.2. Contos inspirados em motivos ideológicos.....	22
4.3. Contos com referências intertextuais.....	24
4.4. Contos sobre a escrita.....	25
5. Conclusão.....	27
Referências bibliográficas.....	28

1. Introdução

Neste trabalho vamos fazer uma tradução do livro “*O Quadrado e outros contos*” de Manuel Alegre. Primeiro, vamos dar uma breve introdução sobre o autor e a sua viagem política desde as suas primeiras atividades políticas no exílio até à sua segunda candidatura para presidente de Portugal. Em seguida, faremos uma apresentação sucinta sobre a sua obra, com o objetivo de nos familiarizarmos mais com o seu estilo de escrita. Além disso, vamos fazer uma breve visão geral das suas obras mais conhecidas que são impregnadas com as suas experiências no exílio e motivos como morte, saudade e desejo de liberdade.

Na segunda parte de trabalho faremos a tradução do livro que consiste em onze contos escritos em prosa poética. Cada conto fala sobre uma situação ficcional e é escrito como um diálogo com o leitor. Também, cada conto está de alguma forma ligado com a vida do autor, seja com a sua posição política ou objetivos políticos, com as suas razões para escrever ou outros aspectos da sua vida, mas sobre isso vamos detalhadamente escrever a seguir.

Na última parte vamos destacar os principais motivos de cada conto e analisar os seus significados. É importante notar que a análise de contos é completamente subjetiva. Então, o outro leitor pode nos contos deste obra encontrar alguns outros significados porque, afinal, trata-se de textos ficcionais e metafóricos.

2. Manuel Alegre - biografia

Manuel Alegre de Melo Duarte, um poeta e político português, nasceu no dia 12 de Maio de 1936, em Águeda. Foi fundador do CITAC – Centro de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, membro do TEUC – Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra e atleta internacional da Associação Académica de Coimbra. Também, dirigiu o jornal *A Briososa*, foi redator da revista *Vértice* e colaborador de *Vita Latina*. Fez a sua vida académica em Coimbra onde estudou direito na Universidade de Coimbra.

A sua tomada de posição sobre a ditadura e a guerra colonial leva o regime de Salazar a recrutá-lo para o serviço militar em 1961. Foi colocado nos Açores, mas em 1962 foi mobilizado para Angola onde foi preso pela PIDE durante 6 meses.

Passou dez anos exilado em Argel onde foi dirigente da *Frente Patriótica de Libertação Nacional* e durante este tempo a sua voz converte-se num símbolo de resistência e liberdade. Regressou a Portugal e passou a fazer parte do Partido Socialista. Desde 1975 até 2002 foi deputado em Coimbra e em Lisboa a partir de 2002. Em 2005 candidatou-se à Presidência da República como candidato independente, mas ficou em segundo lugar. Após as eleições, formou um movimento cívico, denominado *Movimento de Intervenção e Cidadania* (MIC) que teve como objetivo contribuir para o desenvolvimento da cidadania e o fortalecimento da sociedade portuguesa, melhorando assim a qualidade da democracia. Em 2010 apresentou a sua segunda candidatura à Presidência da República, desta vez com apoio de Partido Socialista e Bloco de Esquerda, novamente restando o segundo lugar.

2.1. Obra literária de Manuel Alegre

Manuel Alegre é mais conhecido pela sua atividade política, mas além disso tem-se dedicado à produção literária. Usa a literatura como método de transmissão de ideias, defendendo a liberdade e a paz, contra uma sociedade de consumo e contra o racismo. A sua obra poética é o que mais se destaca. Durante o seu exílio em Argel publicou os seus dois primeiros livros de poemas, *Praça da Canção* (1965) e *O Canto e as Armas* (1967), os quais, apesar da censura, representavam o símbolo clandestino da luta pela liberdade. Lourenço (2010) diz que não é possível separar a sua poesia da sua vida pessoal porque a poesia de Manuel Alegre surge da revolta, enfrenta crueldade e morte, fala sobre o sofrimento da

existência humana, mas ao mesmo tempo celebra coisas simples e coisas grandes da vida e a beleza da natureza. Em seguida, escreve que os poemas de Alegre nos aproximaram da nossa natureza humana e que ele escreve sempre, simplesmente porque tem algo para escrever.

Após a publicação dos seus dois primeiros livros de poemas, publicou muitas outras obras poéticas como *Um Barco para Ítaca* (1971), *Nova do Achamento* (1979), *Atlântico* (1981), *Com que Pena – Vinte Poemas para Camões* (1992), *Sonetos do Obscuro Quê*, (1993), *As Naus de Verde Pinho* (1996), *Senhora das Tempestades* (1998), *Livro do Português Errante* (2001), *Sete Partidas* (2008) e outras. Muitos poemas de Manuel Alegre foram musicados e cantados por cantores portugueses. Tem-se como exemplo José Afonso, Manuel Freire, Amália Rodrigues, Paulo de Carvalho e Janita Salomé. A sua poesia além de representar o seu exílio é também uma forma de convite aos cidadãos para a uma mudança e intervenção política. Os seus poemas são uma forma de luta pela liberdade e contra a ditadura.

Além da poesia, escreveu os romances *Jornada de África* (1989), *Alma* (1995), *A Terceira Rosa* (1998), *Rafael* (2004), *Tudo é e não é* (2013), contos como *Um Homem do País Azul* (1989), *O Quadrado e outros contos* (2005), textos políticos, novela *Cão como Nós* (2002) e literatura infantil. Recebeu muitos prémios, incluindo *Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores* (1998) e *Prémio Pessoa* (1999).

O livro que vamos traduzir e analisar neste trabalho é *O quadrado e outros contos* que é o segundo livro de contos de Manuel Alegre. Mas estes contos não são exactamente contos no mesmo sentido como o seu primeiro livro de contos, *O Homem do País Azul* (1989), que são ficções narrativas com os personagens e o enredo. Os contos de *O Quadrado* apresentam um esboço de situações ficcionais que nunca se desenvolvem. O livro consiste em onze contos escritos em prosa poética e contados como breves diálogos com o leitor. É um conjunto de alegorias e parábolas, textos ambíguos, relação entre o que é evidente e o que é obscuro. O texto de cada conto é misterioso e inexplicável mas ao mesmo tempo transparente. (Mexia, 2005). Os contos são, como todas as suas obras, uma metáfora sobre o que ele sobreviveu e sentiu pessoalmente mas também na vida política. Ao longo do livro o sentimento mais expressado é a solidão, mas também existe a perseverança, porque mesmo quando ele não tinha a certeza de qual é o seu destino, o mesmo não desiste da sua luta.

3. Tradução do livro *O quadrado e outros contos*

Singapur

Ne znam kada je to točno počelo, ali netko mi sigurno šalje neku poruku. Svaki dan se budim s istim riječima, svaki dan liježem s njima. Gledam film, nogometnu utakmicu, čitam knjigu ili jednostavno šećem i odjednom, kao obavijest, upozorenje ili možda prijatnija, nađem se kako sam sebi govorim: Moj život je izgubljen u Singapuru.

Istina je da nikada nisam bio u Singapuru, ne poznajem nikoga tko se tamo nalazi, to čak nije ni mjesto koje me očarava. Možda riječ. Singapur se rimuje s avantura. Najvjerojatnije neki film koji sam vidio, epizoda Corto Maltesea¹, nešto slično. Vijest u novinama ili na televiziji. Možda onih tjedana kada se govorilo o ženi koja je trebala biti i čini se da je na kraju bila pogubljena. Je li to taj izgubljeni život? Ili netko tko u prostoriji, lupajući prstima po zidu, šalje Morseov kod koji se, iz bilo kojeg tajanstvenog razloga, uklapa u ovu rečenicu koja me proganja? Čiji život je izgubljen u Singapuru? Hoće li biti moj, koji nikad nisam tamo bio niti nemam namjeru ići, a kamoli sada? Ne znam, stvarno ne znam da li se radi o obavijesti ili o pozivu u pomoć koji ne mogu protumačiti. Ne znam ima li smisla ili se radi samo o opsesiji. Ili čak ni to. Možda je to jedna od onih fraza koje se ponekad pojave, a da ni ne znamo zašto. Ili možda, tko zna, ništa više od znaka da se uzme olovka i, riječ po riječ, ispriča priča bez drugog zapleta osim ovog: znati koji smisao imaju, ako imaju smisla, ovih šest riječi: Moj život je izgubljen u Singapuru.

Ili Singa Pur², na sanskrtskom. Znači «Lavljji grad», ime koje su mu u XIII stoljeću dali kolonizatori Sumatre, ili Samatre, kako je volio pisati Luís Vaz de Camões. Što ja imam s tim gradom-državom smještenom u jugoistočnoj Aziji, umjetno povezanim s poluotokom Malaka, od kojeg je postao neovisan 1965 godine? Šest stotina i osamnaest kilometara kvadratnih, s

¹ Corto Maltese je izmišljeni lik kojeg je stvorio talijanski crtač stripova Hugo Pratt. Lik Corto Maltesea je kapetan, pustolov s početka 20. stoljeća. Uvijek je na strani slabijih i potlačenih. Prvi puta se pojavljuje 1967. godine u Baladi o slanome moru, kao pirat u doba Prvog svjetskog rata. Sudjelujući u mnogim ratovima i revolucijama (Prvi svjetski rat, Rusko –japanski rat, Španjolski građanski rat, Oktobarska revolucija...), Corto Maltese utjelovljuje autorovu skeptičnost prema nacionalnim, ideološkim i vjerskim podjelama.

² Termin Singapur dolazi od malezijske riječi „Singa „što znači „lav“ i „pore“ što znači „grad“. Prema legendi brod sumatranskog princa Sang Nila Utama se tijekom oluje nasukao na otok. Prvo živo biće koje je na otoku vidio bio je lav te je odlučio nazvati otok „Lavljji grad“ ili Singapore.

gutoćom naseljenosti od 4369 stanovnika po km². Sedamdeset i sedam posto Kineza, 15 posto Malajaca, 8 posto Indijaca, Pakistanaca i ostalih. Budisti, taoisti, muslimani, hinduisti, kršćani. Službeni jezici: engleski, malajski, kineski, tamilski. To je ono što ja znam o Singapuru. Dovoljno je provjeriti u enciklopediji.

Naravno da sam mogao oponašati autora romana *Ime ruže*, stvorio bih lik izmučen onom zagonetnom frazom, opsesivno bi tragao za antikvarijatom, kupio karte i sve knjige o Singapuru, sve dok, u određenom trenutku, ne bi otkrio, prekasno, da je jedna od njih bila otrovana.

Mogao bih stvoriti i druge zaplete. Primjerice: susret sa zanosnom ženom u tom baru, gdje ponekad dolazim sjesti na piće i pisati. Ona bi otvorila torbicu i ispustila knjigu, razglednicu ili maramu na kojoj bi bila napisana riječ Singapur.

Ili još bolje: uzeo bih let za bilo koju destinaciju u jugoistočnoj Aziji, najvjerojatnije Džakartu i, odjednom bi stjuardesa najavila: Zbog tehničkih razloga, za nekoliko minuta ćemo sletjeti u zračnoj luci Singapur.

Postoji tisuću scenarija koji mogu slijediti nakon tih riječi koje me ne ostavljaju na miru. Međutim, mislim da bez obzira na moje sklonosti da vjerujem u upozorenja, znakove, predznake i ostale misterije, to je samo rečenica, ništa više od rečenice. Priča bez početka, bez sredine, bez kraja. Samo ovo: ritam, slogovi i riječ po riječ, u daljini, daleko, Singapur.

Ili možda ne. Jer upravo u trenutku kada, sjedeći u baru, završavam ovu prozu, djevojka koja mi nosi kavu mi se nasmije, kao što nije nikada prije. Tada primjetim da je prekrasna, nosi bijelu bluzu na kojoj je crtež koji izgleda kao karta, iznad kojeg je, crvenim slovima, na engleskom, napisana riječ Singapore.

Pismo

Mnogo puta sam započeo pismo koje nikada nisam uspio poslati. Uzeo sam olovku i pisao, bio je to impuls, nešto što dolazi iznutra i tjera me da započnem pismo, nisam siguran za koga. Možda je to bilo pismo za tebe, za onu koja je, kad se sve uzme u obzir, uvijek bila odredište svega što sam činio i svih pisama koja nikada nisu stigla do pošte.

Sada sam ponovno osjetio inspiraciju, čini se kao disanje Boga ili Vraga, to je ritam, ne baš glazbeni već ritam riječi. Ono je ovdje, pismo, nužnost poruke ili možda čak ni to, otvoriti bilježnicu, uzeti olovku i pisati. Možda je to: pisanje radi pisanja. Pismo tebi ili možda nikome ili možda za mene. Uostalom, kome se piše? I zašto?

Ne znam. Znam samo za taj poriv, magnetsku struju u tijelu, unutarnji ritam, blagi, neprimjetan drhtaj u ruci.

Najgora je ta bol s desne strane, bol, krv, osjećaj da se cijedi u meni. Moguće da je metak dosegao pluća. Počinjem osjećati okus željeza u ustima, imam samo jedan telegram, možda je posljednji, negdje sam u šumi naslonjen na staro deblo, nema nikoga oko mene, posljednji sam vojnik zaboravljenog rata, izgubljenog u vremenu. Ne znam odakle je došao metak, svi ostali su nestali, zasigurno sam zaspao ili se onesvijestio ili sam možda umro i uskrsnuo, da nije bilo poriva, takta, ritma bio sam u stanju reći da sam već na drugoj strani, mrtav, u limbu, u ovoj ničijoj zemlji, možda boje magle koja mi je počela zamagljevati vid. Nemam vremena za gubljenje, nužno je pisati, uvijek je bilo nužno, živjeti i pisati, pisati i umrijeti, pisanje i život, rekao je netko, smrt i pisanje mogao bih reći ja sada, ali ne, osjećam se kao da pišem ljubavno pismo, pismo koje sam tisuću puta započeo i nikada nisam dovršio, a da budem iskren nisam siguran kome. Kada se piše, piše li se za nekoga? Znam da imam poruku, ali ne znam koju, u meni je, ali nisam siguran koja je, moguće je da je poruka samo to, uzeti olovku i pisati, jedna riječ, druga riječ, takt, ritam, nema druge poruke osim te, šuškanje olovke po papiru, a bilo bi čak zanimljivo umočiti olovku u vlastitu krv, ali ne, to će uništiti estetiku napisanog, volim plavu tintu, plavo na bijelom, to je pisanje, to je boja. Proklet bio ako znam gdje sam. Bio je rat, sjećam se. Bio je rat i ja sam ranjen. Tko je rekao da postoje ratovi koji nikada ne završavaju? Osjećam trnce u prstima, ne znam da li od smrti, ne znam da li od pisanja. Moram pisati, dovršiti pismo koje nikada nisam uspio završiti, pokušati shvatiti jednom zauvijek za koga je, adresu, ime, odredište. Ili možda nema potrebe. Dovoljno je pisati. Sutra, ako slučajno netko pročita telegram, sigurno će reći: pismo nikome.

Na neki način će imati pravo. Onaj tko piše, piše nikome. Ili barem ne kaže, ne želi, ne zna za koga piše. To je ritam. Evo ga: tajna flauta riječi. Počinje padati mrak. Moram se požuriti, ovaj put moram završiti pismo, telegram počinje imati lice. Sutra će reći da sam napisao pismo nikome. Ali ja znam, sada napokon znam, za koga je.

Nepoznata

Sve je izgubljeno, rekla je, sve je izgubljeno. I otrčala je na cestu. Vidjeli su je mnogo puta kako luta, u poderanim hajinama, bosonoga, ponekad na sajmovima, ponekad na vratima kafića, ali sada je trčala, bježala, ne zna se od čega, ni od koga. Sve je izgubljeno, rekla je, bijelih lepršavih prnja, razbarušene kose, nije se znalo čija je kći, ni gdje se rodila, ni kada, otrčala je na cestu, za sobom je imala nevidljive progonitelje, bježala je od opasnosti za koje je samo ona znala, Sve je izgubljeno, rekla je, sve je izgubljeno.

Kada su je vatrogasci izvukli iz hladne i mutne rijeke, na obali se okupilo mnogo ljudi. Ali nitko nije došao po tijelo. U nadolazećim danima komentiralo se što se dogodilo. Počela se stvarati legenda, neki su tvrdili da je bila nestala kći nekog grofa, drugi da je bila mladenka iz susjedne zemlje koja je prije mnogo godina pobjegla na dan vjenčanja, a neki su čak rekli da je bila strankinja i zato nitko nije poznao njezine roditelje, ni rodbinu.

Na dan sprovoda pojavio se na groblju vrlo stari starac, nitko ne zna odakle. Prije nego što su zatvorili lijes on se približio, pomilovao joj je sijedu kosu koja je možda bila plava i zagladio je poderanu i prljavu haljinu, koja je možda nekad bila bijela. Stavio joj je ružu u ruke i netko ga je vidio kako plače dok je mrmljao ime koje nitko nije znao: Ofelija, rekao je starac, Ofelija.

Put

Iznenada sam se našao na putu. Nisam znao kamo je vodio taj put. Ali bio sam na putu. I hodao sam. U daljini su treperila svjetla. Mogao je to biti neki grad, moglo je biti priviđenje. Ali što nije samo to, priviđenje, slika, iluzija? Postojao je put. Najbolje je ići naprijed, pomislio sam. Iako nitko nije mogao sa sigurnošću reći što je naprijed, a što natrag. Ali možda je naprijed bilo tamo. Možda je bez da sam i toga bio svjestan, ravna linija, naposljetku, bila krivulja, stvarna krivulja Svijeta. Odjednom je bila noć. Bila je noć i ja sam bio na putu. I u daljini sve intenzivnija svjetla. Kako znati da li su dolazila izvana ili iznutra? Bila su to svjetla. Negdje, iza ili naprijed, svjetla u daljini, na putu. I ja sam hodao. Što se može učiniti pod takvim okolnostima osim nastaviti? Mogao je to biti san, iako ne zna se sa sigurnošću da li je život san ili nije. Ili gdje završava život i počinje san. Ili obrnuto. Kao i put. I razum ili

nerazum. Naprijed i natrag. I svjetla, negdje u noći. Ili tek, a to je ono čega sam se najviše bojao, u meni. Krijesnice, optička iluzija, iluzija duše. Bilo kako bilo, ja sam hodao. I po kiši i po vjetru. Tada sam se sjetio topline kamina u staroj kući u kojoj je uvijek gorio plamen ogrjeva. To sjećanje me grijalo, plamen u srcu. Što može značiti sve što se ima kada se nema ništa više osim noći na putu, negdje, sa svjetlima za koja se ne zna da li dolaze izvana ili iznutra, da li su stvarna ili prolazan sjaj, iluzija duše, ništa više.

Bio je to put prema naprijed. Barem se tako činio. I što sam više hodao, više su svjetla sjajila. Na početku su se činila blizu, kasnije sam primjetio da što se više naizgled približavam, to se više svjetla udaljavaju. Prokletstvo, pomislio sam. Idem prema naprijed, a čini se da idem prema natrag, napredujem, a možda, idem prema iza. No, svejedno sam nastavio. Prema naprijed? Kako znati? Tada sam se sjetio: Jedan korak natrag, dva koraka naprijed. Ili je bilo obrnuto? Jedan korak naprijed, dva koraka natrag? Kako su stvari bile u zadnje vrijeme, svi koraci prema naprijed su naposljetku bili prema natrag. Barem se tako govorilo. I tako, konačno, bio sam sam na putu, sa svjetlima koja intenzivno sjaje, ne znam da li izvana, ne znam da li iznutra, svaki put sve bliže, svaki put sve dalje.

Tada sam shvatio da sam izgubio smjer. Ili možda nisam bio ja taj koji ga je izgubio. Sam smjer je bio taj koji je izgubljen. Na tom putu, sa svjetlima koja su se činila blizu, a bila su daleko, u mojoj vlastitoj zbunjenosti da hodam ne znajući da li prema naprijed ili prema natrag. Potrebno mi je društvo, rekao sam sam sebi. Netko tko bi bio uz mene, netko tko bi vidio drugi smjer, ne znam da li prema natrag, da li prema naprijed, netko s kim bih pošao na put i koga bih mogao pitati kamo na kraju vodi ovaj put. Ali ništa. Nitko u jednom smislu, nitko u drugom, ako se tako može reći. Nitko. Samo ja hodam noću po putu. I svjetla sjaje. Svjetla koja, što sam više hodao, kao da su se sve više od mene udaljavala. Svjetla za koja nisam siguran ni da li su stvarna ili samo privid koji treperi u meni.

Cijelu noć sam hodao bez stajanja. Bio sam već vrlo umoran kad je svanulo. Tada sam otkrio da je s moje desne strane rijeka i da voda teče u smjeru mog hoda. Osvrnuo sam se oko sebe i svjetla više nisu svjetlila. Ali nisam vidio grad niti išta drugo što bi objasnilo sjaj svjetala navečer. Pogledao sam rijeku. Možda je to bio odraz zvijezda na vodi. Ili možda iluzija. Ili možda predznak. Ali zašto predznak? Sve rijeke vode prema moru, odgovorio sam sam sebi.

Sve rijeke i svi putevi, bilo u jednom ili drugom smislu, negdje na krivuljama svijeta svi putevi vode prema moru.

Rečenica

Tuga pjeva pod vodom. Plava tuga, crna tuga. Tuga pjeva pod vodom.

To je rečenica. Ja sam rečenica u potrazi za pričom. Ne kažem autorovom jer se nalazim u njegovoj glavi, a da on ne zna zašto. Ne zna odakle potječem, sjećanje je nejasno. Ostala sam ja, rečenica: tuga pjeva pod vodom. Znam da je autor, u stanju u kojem se nalazi, može ponoviti, ponoviti me tisuću puta. Dok ne pronade nit, u ovom slučaju hladnoću, ali on se još uvijek ne sjeća.

Tuga pjeva. Zašto bi pljusak trebao pjevati? Upravo zato, pljusak. Riječ po riječ sjećanje odgovara. Kišilo je, znam da je kišilo. Ali on još ne zna. Pod vodom, zašto dovraga pod vodom? Tu je, sjetio se. Plava tuga, crna tuga. Neka me vrag odnese, proklet bio. Ali ne, nije tu. Tuga pjeva pod vodom, plava i crna tuga.

Ja sam rečenica, rečenica koja vodi autora. *Dosta mi je ove glazbe*. Nije ni čudo. Ona je obilježila tvoju sudbinu. Ne samo glazba koja sam ja, rečenica. Već koja je prethodila. Orginalna glazba, tango, «La cumparsita»³, *Kad bi znala da u mojoj duši još uvijek / čuvam onu ljubav/ koju sam imao za tebe..*

Tuga pjeva. Kakva vražja rečenica. Kakva ukočenost glazbe. Sada znam. Tuga pjeva, «La Cumparsita», bila je nedjelja i obukla si plavu haljinu, plesali smo na balkonu hotela i odjednom kiša, crni oblak, bio je to veliki crni oblak, ne samo na nebu, bio je to crni oblak u tvojim očima, u glasu pjevača, veliki i strašni crni oblak u meni. Jer trenutak je bio čaroban i jedinstven i neponovljiv, tako intenzivan, tako apsolutan i jedinstven da sam znao da nikad više neće biti drugog poput ovog, nikad više, nikad više, zato tuga pjeva, tuga pjeva pod vodom jer smo plesali na balkonu i odjednom je počela kiša, plava tuga boje tvoje haljine, tuga plava i crna, sada znam, sada on zna, autor, prošao je magični i vječni i jedinstveni trenutak, prošao je život, ostala je rečenica, ostala sam samo ja, tuga pjeva pod vodom, tuga plava i crna.

³ *La cumparsita* je tango skladba napisana 1916. godine u Urugvaju, a autor skladbe je Gerardo Matos Rodríguez. Naziv dolazi od talijanske riječi *copmarsa* što označava studentsku ili karnevalsku povorku jer je isprva napisana kao koračnica. Kasnije je promijenjena u tango, a 1924. godine Pascual Contursi i Enrique Pedro Maroni su napisali nove riječi u kojima je orginalni tekst, o osamljenom jadniku, promijenjen u ljubavnu jadikovku ostavljenog muškarca.

Pomorac koji sjedi

Blizu smo Jugu, rekao je sjedeći za stolićem, pijući šalicu kave i vinjak, gledajući veliki trg i ušće ispred sebe, s brodovima koji odlaze i dolaze. Blizu Juga, rekao je. I nitko od njegovih prijatelja nije znao koji je to bio Jug. Možda nije bio ništa više od svjetle točke koju je vidio negdje na nebu iznad rijeke. Ili nešto što je bilo u njemu, transcendentni Jug, samo čežnja, drugo more, drugi prostor, druga udaljenost. Sigurno je samo da je nekad govorio ovo: Blizu smo Juga. Kao da je pomorac koji sjedi. Kao da se zapravo ukrcao na neki antički brod ili na neku nepoznatu barku iz prošlosti ili iz budućnosti. Blizu Juga, rekao je. Bio je tamo i nije bio. Prisutno odsutan. Sjedeći i u pokretu, iako je pokret bio samo unutarnji, povjetarac u mislima, blago gibanje same riječi Jug.

Sjedeći u kafiću, gledajući trg, on je vidio ono što nitko nije. I možda je to uistinu bio Jug. Ili Jug Juga. Zamisljeni Jug, iako za njega stvarniji od sve realnosti oko njega. Blizu smo, rekao je. I više ga nitko nije pitao blizu čega. Tko je sjeo pokraj njega, na neki način se ukrcao na tu njegovu neizbježnu plovidbu. Nije to bio kafić, bila je barka. A taj stol krma okrenuta prema Jugu.

Ponekad bi otvorio bilježnicu, uzeo olovku, zapalio cigaretu i počeo pisati. U tom trenutku je uistinu krenuo na Jug. Ta bilježnica je odjednom postala pučina. A svaka napisana riječ smjer plovidbe. On nije pisao, plovio je, redak po redak je plovio, riječ po riječ, bila proza, bio stih, njegovo pisanje je bilo tajno gibanje, zahtjev mora koje jest samo kad nije.

Blizu smo, rekao je, namještajući malo naočale. I već se znalo da blizu Juga. Juga koji je bio u njemu. Ili možda na pristaništu sprijeda. Ili u bilježnici. Ili u vlastitoj riječi. Ili u olovci koja se njiše po papiru. Sigurno je da je znao. Možda na kraju dana Jug nije ništa drugo nego njegova vlastita duša pomorca koji sjedi. Onaj koji je više od bilo kojeg drugog bio s onu stranu. Na drugom moru, u drugom prostoru, drugoj udaljenosti. I zato je znao da je blizu. Juga koji postoji samo u razmišljanju i osjećanju. Jug Juga. Jug samo Jug.

Prvo pjevanje

Vrlo stari starac sjedio je pred vratima tvrđave Arzila⁴, potpuno bijele brade, kose gotovo do ramena, obuven u cipele pune rupa, obučen u čudnu dugu majcu boje slame, sve na njemu je bilo vrlo staro, osim izbljrdjelih traperica koje su se razlikovale od ostatka. Primjetio sam da oko vrata nosi privezan hrđavi križ koji mu visi na prsima. Imao je vrlo plave oči, recitirao je neku vrstu molitve, koliko li sam se samo iznenadio kada sam, približivši se, primjetio da neprestano ponavlja prvi stih *Luzitanaca*. Sigurno sanjam, pomislio sam. Približio sam se još malo i nije bilo sumnje: oružja bojna i junake znane⁵, rekao je, oružja bojna i junake znane. Ponavljao je samo taj stih, uvijek isti, kao da moli. Još uvijek sam očekivao da će napredovati u strofi, ali čovjek se nije maknuo od prvog stiha. Rekao bih da je bio u njemu, zazidan u slogove o oružju bojnom i junacima znamim.

- Dobra večer, rekao sam mu, pokušavajući započeti razgovor.
- Oružja bojna i junake znane, oružja bojna i junake znane, nastavio je, a da me nije ni pogledao.

To je čovjek izgubljen u vremenu, zatvoren u sebe, zatvorenik deseterca. Što je radio tamo, sjedeći na vratima tvrđave Arzila, ponavljajući unedogled oružja bojna i junake znane?

Sjeo sam pokraj njega i kada sam čuo kraj stiha, prije nego je nastavio, što brže sam se nadovezao: što luzitanskih zapadnih sa žala kroz dotad nigda more, oceane plovljene, kroza sve pogibli valâ, prodoše zatim i do Taprabane, ljudska ima narav najveću moć dala, međ' narode su predaleke stigli

Starac se okrenuo prema meni i odgovorio prvim stihovima posljednje strofe Prvog pjevanja:

Na moru bura i vihori brojni,
tolikrat pače i smrt huda prijeti!

Na što sam uzvratio:

⁴ Arzila je grad tvrđava na sjeverozapadnom djelu atlanske obale u Maroku. Grad je od 1471. – 1550 bio u posjedu Portugalaca koji su ga pretvorili u trgovačko središte. Portugalski kralj Sebastijan ga je ponovno okupirao 1577. godine kada je pokušao osvojiti Maroko, a sve je završilo bitkom kod Alcácer Quibira 1578. Kasnije je neko vrijeme bio pod vlašću Španjolske, da bi krajem 17. stoljeća ponovno bio vraćen pod vlast Maroka.

⁵ Prijevod preuzet od Mirka Tomasovića iz njegovog prepjeva *Luzitanaca* s portugalskog na hrvatski jezik.

Na zemlji toli uzbuna i vojni
što donosi ih stalno udes kleti!

Tada sam zaustavio litaniju, zurio je u mene u tišini i na kraju rekao:

- Konačno.
- Ne razumijem.
- Razumiješ, razumiješ. Znao sam da mora doći netko, ovdje sam već ne znam koliko dugo, svako jutro i svaku večer ponavljajući lozinku, znao sam da će netko doći, netko tko će mi na kraju dati pravi odgovor.
- Slušajte, moj dragi gospodine, mogao sam to biti ja kao i bilo tko drugi, mnogi Portugalci znaju napamet prve strofe *Luzitanaca*.
- Istina, ali nitko nije učinio ono što ste vi učinili. Osim toga lozinka nije bila ostatak prve strofe, lozinka su bili stihovi koje ste rekli na kraju, treći i četvrti.
- Svatko je to mogao učiniti, odgovorio sam, pomalo zbunjen.
- Ne, samo jedan, iako to niste znali ili niste toga bili svjesni, samo jedan, vi, vi ste nositelj odgovora.
- Ovdje je došlo do pogreške.
- Nema nikakve pogreške, dovoljan je preostali dio.
- Koji preostali dio?
- Duga je to priča. Ili da kažem točnije. To je Povijest, naša Povijest.
- Ispričavam se, ne želim zabadati nos, ali tko ste vi gospodine?
- Nije bitno tko sam ja, ono što je bitno je Povijest, pjesma, recimo da sam ja Portugalac koji nije uspio izaći iz Prvog Pjevanja, stvorio sam ovaj zatvor, što da vam kažem, odavno sam zaglavio na prvim stihovima *Luzitanaca* kao da je čelija, godinama i godinama u iščekivanju da dođete i oslobodite me. Bio sam sve zbunjeniji i u isto vrijeme opčinjeniji. Pozvao sam ga na osvježanje u kafić blizu Tvrđave.
- Moj dragi gospodine, čije ni ime ne znam, rekao sam. Ja sam, po mojoj procjeni, pomalo zblenut, to je pravi izraz, ovo je gotovo sveto mjesto za mene, ali priznajem da nisam očekivao da će se ovo dogoditi, imam osjećaj da doživljavam san ili čudo, volio bih da mi objasnite taj misterij.
- Misteriji se ne objašnjavaju. *Luzitanci* su misterij, naša vlastita Povijest također. Ali najveći misterij je onaj da skrb ste pouzdana slobode stare, luzitanske slave, taj moćni Kralju, Carstvo kog se stere da sunce prvo izlazeć' ga spazi, njemu je pjesma posvećena, za njega je pjesma napisana, sviđalo vam

se ili ne on je heroj, zato sam morao doći ovamo, morao sam proći kroz pijesak Alcácer Quibira⁶ gdje je sada, usput rečeno, benzinska postaja, nije bilo pošteno napustiti Prvo Pjevanje, čak ni prvi stih, a da ne pokušam.

- Ali pokušate što?
- Pronaći znak da pjesma nije bila uzalud, unatoč nestalom kralju koji nikada nije uspio dat' građu kû ne čuše ljudi.
- I jeste li uspjeli?
- To je sada moja stvar, misterij se odgonetava ili se ne odgonetava, ali se ne objašnjava, ne priča se.
- Ali moj dragi gospodine, zašto neprestano ponavljati prvi stih na vratima tvrđave Arzila?
- Da vidim hoćete li doći, vi li bilo tko drugi, ali mogli ste biti samo vi, ništa se ne događa slučajno, samo vi ste rekli treći i četvrti stih posljednje strofe Prvog Pjevanja, sada već mogu izaći iz tog mitskog i ludog stiha, živio sam u oružjima bojnim i junacima znam, tražio sam znak, vikao sam na pustinjske vjetrove da me čuje sjajna mladovita grana stabla što Kristu najvećma je milo od svijeta ki su od Zapada stranâ, pokazao sam cijelom svijetu i nikome ovaj stari križ koji nosim na prsima, nebrojno sam puta uz more ili na kobnim obalama rijeke Alcácer ponovio da se samo iz ljubavi prema Domovini, nisam odustao od nagrade. Sada smo ovdje nas dvoje, možete mi dati ime koje želite, ja sam Portugalac koji nije uspio izaći iz Prvog Pjevanja, vi ste došli i već mogu vidjeti brodice napuhujući jedra uleknuta, ja sam gotovo slobodan čovjek, napokon mogu prijeći na Drugo Pjevanje.

Bila je gotovo noć, popio je coca colu, već je prije popio dvije, što je bilo neuobičajeno za tako starog čovjeka. Trošak je neznatno porastao, platio sam i izašli smo. Polako smo hodali do plaže, još se vidjelo plavkasto bijelo svjetlo, svjetlo Arzile, mirisalo je na slani zrak, odjednom je rekao:

- Vidiš li ih?

⁶ Grad smješten na jugozapadu Maroka. Najpoznatiji događaj koji se veže uz grad je bitka iz 1578. godine, poznata kao i bitka trojice kraljeva. Portugalski kralj Sebastian I. i njegov saveznik, svrgnuti marokanski sultan Abu Abdallah Mohammed II., sukobili su se s novim sultanom, Abd Al- Malikom I. i njegovom brojnom vojskom. Bitka je završila porazom Sebastiana I. i njegovog saveznika te smrću sve trojice kraljeva. Sebastian I. nije ostavio nasljednika te na vlast u Portugalu dolazi Filip II. Španjolski čime Portugal gubi nezavisnost sve do 1640.

- Što?
- Luzitanske plavi. Sada ih vidim već drugi put kako prolaze, stalno prolaze, vide se, iako se ne vide, nosim ih u sebi.

I pokazao je lagano kažiprstom prema naprijed:

- To su luzitanske plavi, brodovi mašte, s njima plovim; konačno, zahvaljujući vama, ići ću iz Pjevanja u Pjevanje do Calicuta.

Hodao je polako govoreći ponekad neke stihove Prvog Pjevanja, ali više ne kao onaj koji moli ili ponavlja litaniju. Sve dok mi nije dao znak da želi biti sam.

- Hvala. Već ste učinili ono što ste trebali. Sada moram prijeći na Drugo Pjevanje.

Nasmiješio sam se.

- Sretan put, rekao sam mu.
- Nemojte ići dok vas ne upitam gdje da se sklone ljudi nedostojni, u miru kako mogli bi živjeti, da kazna s Neba gnjevnoga ne stiže sićušnom crvu što po zemlji gmiže?

To više nisu bili stihovi ni proza, bio je to životni govor, prozodija koja je bila dio njega. I u tom ritmu je odšetao po plaži.

Četrdeset

Četrdeset, počeli su govoriti odjednom. Četrdeset čega? Nitko nije bio siguran. Ni tko je započeo ni zašto. Četrdeset, govorilo bi se. Na svakoj ulici, na svakom uglu, u svakoj kući. Čak i u krevetu. Četrdeset, rekla bi ona. Tu već imaš četrdeset, odgovorio bi on. A susjedi s kata ispod bi, čuvši škripanje kreveta, komentirali: To su četrdeset.

Posvuda. U kafiću, u školi, u uredu. Već znate? Za što? Za četrdeset. I svi su zašutjeli, gledajući se međusobno.

Ako bi netko kucao na vrata, oklijevalo bi se kod otvaranja: Mogu biti četrdeset. I postojala je mješavina iščekivanja, straha i čuđenja. Četrdeset. I srca su kucala brže, neke su oči sjajile. Znali su i nisu znali. Ali čekali su. Što, kada, tko? Četrdeset.

Drugi su odvrćali pogled, željeli su i nisu željeli vidjeti. Četrdeset, govorilo se. I bilo je dovoljno da se stvori pomutnja. Nepoznate ruke pisale su noću po zidovima: Četrdeset.

Nitko se nije usudio pitati što to znači. I bilo je sve. Ili ništa. Ili sve i ništa u samo jednoj riječi.

Četrdeset, rekao bi glas, kada se najmanje očekivalo, preko telefona. Nakon toga su počela stizati pisma. Bez pečata i marke, samo ime primatelja. Pojavljivala su se u poštanskim sandučićima i nitko nije mogao naslutiti tko ih je tamo stavio. Otvorila bi se omotnica, jedan bijeli list i jedna riječ: Četrdeset.

Tada su odlučili zabraniti broj i riječ. Ništa nije moglo imati cijenu četrdeset, nikome nije bilo četrdeset godina. I nije se smjelo ni pomisliti tražiti cipele ili košulje broj četrdeset. Govorilo se: Želim par cipela trideset devet i malo više . Ili: košulja trideset devet i još malo. Četrdeset nikada. Broj se preskakao. U školi, u trgovini, čak i u vojsci. Vojnik trideset devet. I prešlo bi se na četrdeset i jedan. Broj četrdeset je bio uklonjen s vrata, nestao je iz novina, radija i televizije. Zabranjen. Nitko se nije usudio reći ga u javnosti.

Primjerice: Na pozivnicama za proslavu kojom se obilježavalo četrdeset godina postojanja jedne izdavačke kuće, bilo je napisano s očitom dvosmislenosti: «Naša Izdavačka kuća ima zadovoljstvo pozvati vas na *našu* obljetnicu.» Bilo je više nego očito da je istaknuto zapravo značilo četrdeset. Samo ovog puta policija se nije dala zavarati. Izdavač je bio zatvoren, a njegova tvrtka zatvorena.

Ali nisu uspjeli iznuditi iz njega ni jednu riječ. Nakon sedam dana i sedam noći mučenja, s izobličnim licem, tijelom u ranama, dali su mu list papira da prizna. Zatvorenik se nasmijao i s velikim naporom napisao: *Naša*. Policajci su izgubili strpljenje i mučenja su postala intenzivnija. Kanije, kada su poslali po tijelo, primjetili su da je na podu, s vlastitom krvi, napisao riječ četrdeset.

Tama

Hodali smo po makadamskoj cesti ne znajući točno kamo. Hodali smo brzo, tjeskobni i u isto vrijeme, bojeći se dolaska. U jednom trenutku horizont se počeo zatvarati, kao da je velika zavjesa skrivala što se nalazi s druge strane, preko koje je svaki put bilo sve bliže. Moglo bi se reći, umjesto da smo se mi približavali, linija horizonta je bila ta koja je išla nama ususret. Zavjesa koja se polako stezala. Prvo bijela, zatim siva. No, to nije bila jedinstvena

siva, bila je to siva različitih nijansi, ponekad prigušena, ponekad gotovo prodorna, kao da unutar sive postoje druge sive i sve one teže samo jednoj sivoj, apsolutnoj i na neki način jezivoj. Tada smo shvatili: sivilo se sve više pretvaralo u još nikad viđenu boju. Bila je tamna. Ali iz jedne tamne svaki puta u još tamniju. Još uvijek ne crnu, ali više ne ni sivu. I imala je, da se tako izrazim, dva pokreta, naš u odnosu na nju, njezin u odnosu na nas. Odjednom cesta je završila.

Nije lako reći što je slijedilo. Ne baš ponor već nešto poput obrnutog slijeda stijena, gdje smo se trebali spuštati kao da se penjemo i penjati kao da se spuštamo. A ispred mrak je bio boje mraka, boje koja se ne može definirati, niti prašine, niti oblaka, više ni zavjesa, čak niti mrlja, bio je mrak, mrak prema kojem smo se uputili, sada penjući se, sada spuštajući se, bez da smo znali kada je penjanje bilo penjanje, a kada je spuštanje bilo spuštanje. Mrak. Svaki trenutak sve bliže.

Mogla je, do neke mjere, to biti slika, velika slika obojana bojama zemlje, prvo bijelom koja je od tolike bjeline postala siva, zatim sivom svaki tren sve apstraktnijom, sve dok ne postane nešto bezbojno, bez imena i oblika, samo tama, tama, tama.

I penjali smo se. I spuštali smo se. Ili se penjali spuštajući se i spuštali penjući se. Prema tami, koja se kretala, kao u zagrljaj. Zatim je strepnja, da je to možda boja onoga što je ispred nas, ustupila mjesto nekoj vrsti mira, gotovo stanju milosti.

Ne znam što se dogodilo nakon toga. Ne znam čak ni da li pričam o snu. Ne znam. Nitko ne zna. Nitko nikada neće znati.

City Square

Netko na uglu tuge. Tko zna zašto se čovjek probudi s takvom rečenicom u mislima. Možda je želio nešto reći, to je rečenica koja označava ono što želite da bude. Tko zna nisam li to možda ja? Ne znam gdje se nalazi taj ugao, možda je to nešto što postoji samo iznutra. Ili je možda, na kraju dana, život više - manje to: tuga, na uglu. Rečenica bez smisla. Ili besmislenost koja čini rečenicu. Ili užitak melankolije, jer istini za volju probudimo se s takvom rečenicom i violine počnu svirati u sjećanju, uvijek postoji pozadinska glazba za određena stanja duše, bio to ugao tuge ili bilo koji drugi, ja te primjerice zamišljam kako

sjediš na trijemu, s cvijetom u ruci, taj znak koji je bio prvi i za mene će, zauvijek, biti posljednji.

Tko zna nije li ovdje ugao, tuga, melodija, ton, glazba unutar rečenice. Ili možda tek, a što nije malo, osjećaj gubitka, ima autora koji su to rekli vrlo dobro, Philip Roth, primjerice, u svojoj *Američkoj pastoral* - «Nitko ne može proći ovim svijetom, a da ne bude obilježen tjeskobom, boli, zbunjenošću, gubitkom.»

Moguće je da sam čitajući ovu rečenicu, jučer navečer, izazvao onu s kojom sam se probudio. Osjećaj gubitka. Netko na uglu tuge. Možda ja. Ili ti. Ili svi mi koji, često i ne primjećujući, prolazimo.

Vidim se na 52. ulici na Manhattanu, na dvadeset i petom katu, blizu East River, kako gledam Brooklynski most, dimnjake s druge strane rijeke, dim na plavom nebu, iznenadni i neobjašnjivi osjećaj melankolije, ali bez tjeskobe, gotovo stanje milosti samoće i bespomoćnosti, isto koje se može imati gledajući City Square, to malo i divljenja vrijedno Giacomettijev⁷ djelo, pet osoba na trgu, potpuno same, hodaju jedni prema drugima mimoilazeći se, pet osoba na trgu koji predstavlja sve trgove svih većih gradova gdje uvijek ima nekoga, sada razumijem, na uglu tuge.

Ili možda hodnik, dugačak hodnik u staroj kući, noć je, majka i baka zabrinute, služavke trče i vrište, stižu vatrogasci, na nosilima nose čovjeka s izrazom boli, bez naočala je, jedva ga prepoznajem, ali sada prolazi pokraj mene, lagano manhe glavom, još uvijek to ne znam, ali to je zbogom, ne daju mi da se približim, nose ga prema sobi, nikada ga više nisam vidio. U nadolazećim danima žene su u crnom, čuo sam kako zvona zovne, pitao sam za djeda, svi odgovori su neodređeni, govore o velikom putovanju na koje je pošao, ne želim razumjeti, ali već sam shvatio, vidim ga u hodniku, posljednji put, prvi osjećaj gubitka, prvi kutak tuge.

⁷ Aleberto Giacomett (1901.- 1966.) je bio švicarski kipar i slikar. Njegove ranije skulpture su vezane uz nadrealizam, a najpoznatija djela iz tog razdoblja su skulpture različitih arhitektonskih objekata. U 30-im godinama 20. stoljeća napušta nadrealizam i počinje se zanimati za ljudsko tijelo te kako najbolje prikazati ljudski oblik u stvarnom prostoru. Do rješenja je došao razbareći figure i slikajući ih u što tanjem obliku. Jedno od njegovih djela koje najbolje predstavlja taj period je *The City Square* (1948.) gdje su ljudske figure izdužene, a glave, ruke i noge su dovedene skoro do slomljenosti čime želi prikazati ljudsku usamljenost i egzistenciju bez radosti.

Ali također kuće u Newarku, sive, ružne, prljave, tužne, napuštene i hladne plaže Long Beacha u prosincu, veliki hotel pust i prazan, benzinske crpke i barovi u kojima nitko ne čeka nikoga.

Netko na uglu. Ali tko? Gledam po stranici: nitko. Nitko na trgu. Samo pet Giacomettijevih likova, pet samaca izgubljenih na napuštenom trgu, na trgu gdje su samo oni, pet osoba, hodaju jedni prema drugima mimoilazeći se, samo su oni na trgu i samo oni su mnoštvo, hoću reći: nitko.

Nije moguće, ne mogu se sjetiti City Squarea bez neke vrste strahopoštovanja i užitka. Odjednom se prisjetim Anterovog⁸ stiha: «Poznavao sam ljepotu koja ne umire/ A ipak bio sam tužan.» I tako sam ja bio u MOMA-i⁹ u New Yorku, ispred City Squarea. Kao ispred ove stranice, slušajući glazbu rečenice, netko na uglu tuge. Tko? Pitao sam. Ja osobno, izašao sam iznenada s City Squarea ili s bilo kojeg drugog trga na kojem glazba prodire iz drugih rečenica, naizgled bez smisla. Na uglu. Na uglu. Od. Tuge. Netko. Pet ljudi prolazi trgom. Veliko mnoštvo. Nitko.

Kvadrat

Nisam siguran u kojem sam ratu. Svaki dan u ovo vrijeme, u šest navečer, počinju me opkoljavati vojnici koje ne vidim. Osjećam ih blizu sebe, znam da su oko mene, ali ne vidim nikoga. Samo metke, rafal, *rockets*. Ponekad uzmu megafon i zapovijede mi da se predam:

- Sam si, kažu. Usamljeni si vojnik u ratu koji je odavno izgubljen.

⁸ Antero de Quntal (1842- 1891) je bio portugalski pjesnik i filozof. Kao predstavnik realizma bavio se filozofskim i društvenim problemima. Njegova najpoznatija djela su *Odes Modernas* (1865) i *Sonetos Completos* (1879) koje sadrži autobiografske elemente. Njegova poezija izražava njegove religiozne stavove i traženje smisla života i postojanja. Osnivač je časopisa *A República* (1869) zajedno s Olivieirom Martinsom. Patio je od depresije gotovo cijeli život te je 1891. godine počinio samoubojstvo.

⁹ MOMA (Museum of Modern Art) je muzej moderne umjetnosti u New Yorku. Otvoren je 1929. godine i danas je jedan od najutjecajnijih muzeja u svijetu. U njihovom posjedu se nalaze različite kolekcije, od arhitekture, crteža, slika, skulptura, grafike do ilustriranih knjiga i filmova.

Problem je što ne znam čak ni koji je to rat. Ne znam tko mi je odjenuo ovu uniformu, ni tko me je poslao ovdje i stavio mi oružje u ruke. Streljiva mi ne nedostaje, ni obroka za borbu, ni vode. Svaki dan me iznova opskrbe. Ali ne znam tko. Ne znam ni tko su moji, ni za koju zemlju se borim, ni za što se uopće borim. Branim ovo uporište. To je moj kvadrat. Možda nema smisla da ga branim, ali ako ga izgubim izgubit ću i sebe. Jedini smisao, koji možda nema velikog smisla, je braniti taj kvadrat. Do posljednje kapi krvi, kao što su me u novacima naučili. Zbog toga se ne predajem. Koliko god da mi naređuju i zastrašuju me, nastavljam se odupirati. Ne u potpunosti zbog vojnih ili moralnih razloga. Recimo zbog estetskih razloga. Muškarac se ne predaje. Možda je to razlog što sam tu, nisam siguran gdje ni od kada, možda oduvijek, nasred kvadrata, opkoljen i sam, ali neporažen.

Negdje netko me iznova opskrbljuje. Negdje znaju da se ne predajem.

Svaki dan, u šest navačer, steže se obruč. Svaki dan sam, u isto vrijeme, na položaju. Čudno je što me nisu ranili, ali istina je da ni ja ne znam jesam li ikada pogodio neprijatelja, ako ga tako mogu nazvati. Pitam se čak nije li ovo san, nije li sve ovo tek noćna mora i neću li se iznenada probuditi.

Kako god bilo, rat se nastavlja. U snovima ili ne, nastavlja se. Gotovo je šest navečer i osjećam da se približavaju. Svaki dan je tako, svaki dan branim svoj kvadrat.

- Ti si samo jedan čovjek i tvoj rat je izgubljen, viču oni.

Vrlo dobro znam da sam sam. No dok se borim, rat nije izgubljen, pa čak i da me pitaju koji je to rat ne bih znao točan odgovor. Možda bih rekao da je to rat jednog čovjeka nesred njegova kvadrata. Čovjeka koji se bori, možda u snu, jer možda je sve samo san. San sna, sjećam se da sam to negdje pročitao. Zašto je to uopće važno? San ili ne, oni su tu, trebam braniti svoj kvadrat, nema drugog smisla osim tog, boriti se do kraja, muškarac se ne predaje, ne bi bilo lijepo, bilo bi, štoviše, ako smijem primjetiti, nedostatak odgoja, veliki nedostatak odgoja.

4. Análise dos principais motivos da obra

Para uma melhor análise dos contos da presente obra, primeiro temos de extrair os motivos mais relevantes. Além dos motivos típicos para Alegre, como por exemplo, a morte, melancolia, perda e guerra, aparecem alguns outros específicos. Por isso, a seguir, vamos dividir os contos em quatro grupos: contos motivados por uma frase, contos inspirados em motivos ideológicos, contos com referências intertextuais e contos sobre a escrita.

4.1. Contos motivados por uma frase

Em uma entrevista Alegre diz que, na verdade cada um destes contos foi escrito de uma forma estranha. Ele acordava de manhã com uma frase na sua cabeça que então atormentava-o obsessivamente (Marques, 2010). Aqui, especialmente, se destacam quatro contos que, como um motivo principal, têm uma frase misteriosa: *Singapura*, *A desconhecida*, *A frase* e *City Square*.

Sobre o primeiro conto deste livro, *Singapura*, Alegre diz:

Por exemplo, há um conto que se chama «Singapura»: «A minha vida está perdida em Singapura.» Mas por que carga de água é que a minha vida estava perdida em Singapura, onde nunca fui? E houve outras frases que deram origem a todos aqueles contos. Frases que aparentemente não tinham sentido. Já houve frases da minha vida em que articulava o que se pode chamar «inspiração» ou «impulso» de escrever com uma atitude mais racional, mais voluntarista. (Alegre, 2010; 30)

A frase deste conto está relacionada com um lugar que o autor nunca havia visitado e sobre o qual não sabe muito. Tentava desenvolver um enredo que podia explicar o significado desta frase mas, eventualmente, concluiu que a frase foi só algum tipo de pressentimento sobre o que iria acontecer porque onde quer que ele fosse está sempre acompanhado com essa mesma frase.

Em *A Desconhecida* o motivo é outra vez uma frase misteriosa e obscura. Este conto está de alguma forma inacabado, deixando o leitor com muitas perguntas em aberto, como por exemplo: De que é que Ofélia fugia?, Como é que ela morreu?, Qual era a ligação que ela tinha com o velho?, O que significam as palavras: „Tudo é perdido“?. Alegre escreveu este

conto como se quisesse que o leitor desse continuidade a história, respondendo a estas perguntas sozinho e, finalmente, desenvolvendo o seu próprio conto.

O conto *A frase* também tem uma frase que não deixe o autor em paz. É muito semelhante ao conto *Singapura*, só que este não é sobre um pressentimento mas, sobre uma memória esquecida. A frase *Uma memória canta debaixo da água* representa uma memória que está num lugar dentro do autor, mas ele não consegue lembrar-se do acontecimento específico relacionado com ela. No final, a música o incentivou a lembrar-se do acontecimento.

O último conto motivado por uma frase escura é *City Square*. Outra vez o autor é atormentado com uma frase que é, como ele diz “*uma frase sem sentido*” (Alegre, 2005; 67). *Alguém à esquina da tristeza* são as palavras que sempre recorrem nos pensamentos do autor. Ao longo do conto ele tentava explicar por que é que acordava com uma frase assim na sua mente: uma outra frase que leu no livro, um quadro ou memórias da morte de uma pessoa próxima.

É importante notar que, especialmente estes quatro contos, são impregnados com os motivos que anteriormente mencionávamos como típicos para Alegre: melancolia, morte e perda.

4.2. Contos inspirados em motivos ideológicos

Alegre muitas vezes nas suas obras escreveu sobre a sua ideologia e este livro não é exceção. A seguir iremos analisar quatro contos nos quais Alegre quer passar uma mensagem ou descrever a sua experiência política. Embora nestes contos o autor escreva sobre coisas negativas, há sempre motivos positivos presentes, tais como esperança, perservança e fé nas mudanças e liberdade.

O Caminho é o conto sobre a sua carreira política, e em particular sobre o período da sua primeira candidatura presidencial. Mexia (2005) escreve que todo o livro é impregnado “*com contos de resistência e persistência*”. Além do conto *O quadrado*, este conto é o melhor exemplo disso. Um caminho que não se sabe para onde vai. Alegre não sabe se ele realmente está no caminho ou tudo é apenas uma ilusão, um sonho. Mas apesar disso, ele ainda continua a caminhar. Neste caminho está sozinho e perdido, mas decidiu seguir o rio porque concluiu

que todos os rios levam ao mar. Podemos relacionar esta obra com a sua primeira candidatura presidencial, visto que também estava sozinho, sem apoio do seu partido. Além disso, não sabia como a sua candidatura iria terminar, mas decidiu persistir naquilo que ele quis atingir. Queria realizar os seus objetivos.

Quarenta é um exemplo de metáfora para a liberdade de expressão e censura. Alegre lutou a maior parte da sua vida pela liberdade de expressão. Um exemplo disso são os dois primeiros livros de poemas *Praça de canção* e *O canto e as armas*, que foram, como já apontado, escritos durante o seu exílio em Argel. Naquele tempo ele se tornou uma das vozes mais importantes na estação *Voz da liberdade*, onde abertamente apoiou as tropas africanas para resistir ao exército Português na Guerra Civil Portuguesa. Os seus primeiros livros, apesar da censura, passariam de mão em mão em cópias manuscritas ou datilografadas.

Contraditoriamente, como ironia do destino, durante a sua segunda candidatura presidencial, os dois oficiais, Brandão Ferreira e Fernando Paulo Vicente, e mais dois jornalistas, Miguel Pais Teixeira e o respetivo diretor do semanário *O Diabo*, Rebordão Esteves Pinto, foram acusados por crime de difamação contra Alegre. O artigo foi publicado em 2010 sob o título *A verdadeira história do candidato presidencial Manuel Alegre - O desertor que quer ser chefe das Forças Armadas*. Eles acusaram Alegre de desertar das fileiras militares e de apoiar as guerrilhas nos movimentos da libertação. Também, foram acusados de tentar prejudicar a imagem do candidato presidencial e a sua candidatura presidencial, no entanto em Setembro de 2014 foram absolvidos do crime.

Escuro é outro conto em que Alegre usa a metáfora para compartilhar a sua opinião com o leitor sobre um tema político - federalismo. Em recente entrevista o autor citado disse que „[...] o federalismo europeu é um salto no escuro e que é necessário o regresso de transparência e igualdade entre estados democráticos.“ O trecho a seguir, extraído de seu conto, confirma a sua opinião:

Uma cortinha que lentamente se apertava. Primeiro branca, depois cinzento de vários tons, ora esbatido, ora quase agressivo, como se por dentro do cinzento houvesse outras cinzentos e todos elas tendessem para um cinzento único, absoluto e, de certo modo, pavoroso. Então percebemos: o cinzento converti-se cada vez mais numa cor nunca vista. Era escura (Alegre, 2005; 62).

Alegre sempre disse que a Europa deve ser construída passo a passo, sem saltos bruscos, referindo-se à União Europeia. Diferentes tons de cinzento neste conto representam

os países da União Europeia que são convertidos numa cor cinzenta, ou seja, os países estão perdendo a sua liberdade e igualdade. Alegre não se opõe ao federalismo por si mesmo, mas defende o coletivo, a igualdade sem o domínio de países poderosos sobre os fracos. Diz que o PS é um partido plural onde todos têm direito à sua opinião, que defende Portugal, democracia e o Estado Social.

O conto *Quadrado* resume o que Alegre escreve neste livro, mas também pelo que está lutando a sua vida inteira no sentido político. Alegre fala sobre um soldado que luta no seu “quadrado” contra um inimigo, desconhecendo as razões para tal. O conto é uma metáfora em que a guerra representa a sua luta política e assim podemos notar alguns aspectos autobiográficos. Tem-se como exemplo a primeira frase: *Não sei ao certo em que guerra estou*. Esta, retrata os desacordos frequentes que tinha com outros partidos políticos, bem como os desacordos no seu próprio partido. Logo mais abaixo escreve o autor: *Estás, sozinho dizem*. Portanto esta frase traz o seu pensamento em relação à sua candidatura presidencial em 2005, um candidato independente, sem apoio do seu partido. Alegre esteve muitas vezes em conflito com o seu partido, que também é evidente num artigo do *Diário de Notícias* (2007) onde Vitalino Canas, um membro do seu partido, diz que Alegre nunca foi impedido de falar nos órgãos do partido e que o PS é um partido de pessoas livres, referindo-se a isso numa entrevista onde Alegre disse que “[...] não pode ficar calado perante alguns casos ultimamente vindos a público e que não vivemos em ditadura.”. Nesta entrevista Alegre não concorda com a forma como o PS está a criticar os outros partidos, mas critica da sua conta é vista com suspeita. Embora às vezes não seja seguro para quem luta e apesar do sentimento da solidão, continua a lutar e defender o seu “quadrado”, ou melhor, as suas opiniões e desejos de uma esquerda unida.

4.3. Contos com referências intertextuais

Muitos faziam comparações entre Camões e Alegre. As semelhanças são particularmente notórias na poesia, mas também na vida. Alegre, tal como Camões, foi exilado longe da pátria. Segundo Macias (2008; 11), Alegre muitas vezes tentou imitar Camões motivado “[...] pela admiração, pelo entusiasmo, mas também pela ideia de arremedo, de pendor trocista e portanto, de cariz negativo”, além do desejo de aprendizagem.

Alegre dedicava os poemas a ele e às vezes copiava a sua forma de escrever. Por isso existem algumas semelhanças entre os dois autores, como por exemplo a voz lírica e a tonalidade épica. Alegre identifica-se muito com Camões e na sua poética, sempre pretendeu homenagear Camões como podemos ver em alguns poemas de sua autoria: *Luís de Camões*, *Sobre um mote de Camões*, *As palavras*. Além disso, Alegre, tal como Camões, invoca na sua poesia a Natureza que reflete melancolia (Macias, 2008).

Alegre mencionava Camões não somente em muitos poemas mas também, em outras obras. O conto *Canto primeiro* é um deles. O primeiro canto da obra mais famosa de Camões *Os Lusíadas* é parte da frase misteriosa neste conto. Estes versos que se repetem ao longo do conto são: *as armas e os barões assinalados*, mas além destes versos no conto são incorporados outros versos do canto primeiro, tais como „[...]da bem-nascida segurança da lusitana antiga liberdade, aquele poderoso rei, cujo alto Império o sol, logo em nascendo vê primeiro[...]“; „[...]ramo florescente de uma árvore de Cristo mais amada que nenhuma nascida no Ocidente[...]“; „[...]naus as velas côncavas inchando[...]“; „[...]um fraco humano, onde terá segura a curta vida, que não se arme e se indigne o céu sereno, contra um bicho da terra tão pequeno?“ e outros. Neste conto o homem velho está preso num verso e espera uma espécie de senha para que a história continue e ele fique livre. No conto *Singapura* também temos uma curta referência ao Camões, ou melhor dizer, a sua maneira de escrever na frase *Significa «Cidade do Leão», nome qu lhe foi dado no século XIII pelos colonizadores de Sumatra, ou Samatra, como gostava de escrever Luís Vaz de Camões.* (Alegre, 2005; 12).

4.4. Contos sobre a escrita

A *Carta* é um conto que fala sobre o impulso, o desejo de fazer algo apenas por fazer. Neste caso, o impulso de escrever uma carta pelo simples gosto de escrever. O escritor se sente como se ele estivesse ficando sem tempo, mas, ainda assim, quer enviar uma carta final por pensar que esta vai ser a sua última. Escrever para ele significa vida, viver significa escrever mas, tem medo que os outros não possam entender isso. Dessa forma, sentiu a urgência de passar o que sente, de passar a sua mensagem. Isso podemos ver na seguinte frase: *Sei que tenho um recado, mas não sei qual, está dentro de mim mas não sei ao certo o que seja, é possível que o recado seja só isto, pegar na caneta e escrever, uma palavra, outra*

palavra, a cadência, o ritmo, não há outro recado senão este [...] (Alegre, 2005; 18). No final do conto percebeu para quem escreveu essa carta e, embora ele não diga, sugere que, afinal, escreve para si mesmo e não para os outros.

Outro conto que fala sobre a escrita é *O navegador sentado*, um conto de um homem sentado num café que pensa que navega para o Sul. Exceto ele, ninguém mais vê ou sabe o que é o Sul. A sua viagem é uma metáfora para escrever. O sul são os seus pensamentos, a sua escrita, as suas palavras que o levam ao seu objetivo. Escrevendo ele entra num mundo completamente diferente, um mundo que ninguém à sua volta entende.

5. Conclusão

Antes de ler o livro pensava que se tratava de um político que também gostava de escrever. Depois de ler o livro, sinceramente, não percebi a maioria dos contos. É por isso que a tradução foi difícil e pouco clara. No entanto, quando comecei a explorar as outras obras e a vida política de Alegre tudo ficou muito mais claro. Depois de toda a pesquisa realizada, transpareceu que por detrás da figura política, tem-se um homem que é primariamente um escritor e só depois um político.

Num artigo que li, o autor diz que Alegre é “*Dom Quixote da literatura portuguesa*“. Acho que isso é de alguma forma verdade, porque cada conto, poema ou romance que ele escreveu tem uma mensagem que ele quer transmitir para os outros, mas parece que nunca consegue. Existem duas razões para isso. A primeira é que é visto por todos como um político e não o percebem a sério como um escritor. A segunda razão é que muitos não entendem a sua escrita e as suas obras, não entendem a metáfora por detrás da obra.

Aspectos muito importantes para Alegre são a liberdade, democracia, o país, os direitos, a liberdade de expressão, como também toda a vivência que ele viveu durante a ditadura. Neste, encontrou a sua inspiração pois, para ele, o homem é mais importante do que o político. Um bom exemplo disso são os contos desta obra que foram inspirados em motivos ideológicos. Claro, além da política, nos contos existem motivos de melancolia, perda, morte, que são motivos frequentes em todas as suas obras. Neste livro estes motivos são mais reconhecidos nos contos motivados por uma frase e contos sobre a escrita.

Referências bibliográficas

1. Alegre, Manuel. „O Quadrado e outros contos“. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.
2. Alegre, Manuel. „Manuel Alegre e o medo“. *O Umbigo ao Quadrado*. Julho, 2007. URL: <http://umbigoaoquadrado.wordpress.com/2007/07/25/manuel-alegre-e-o-medo/>
3. Alegre, Manuel. „Não é possível discutir Portugal sem discutir a Europa“. Congresso do PS. Abril, 2011. URL: <http://www.manuelalegre.com/302000/1/002540,000001/index.htm>
4. Alegre Manuel. „Europeu sem tabus, português sem complexos“. *Expersso*. Setembro, 2011. URL: <http://www.manuelalegre.com/302000/1/002604,000015/index.htm>
5. Alegre, Manuel. „Biografia de Manuel Alegre“. URL: <http://www.manuelalegre.com/101000/1/000021/index.htm>
6. Camões, Luís Vaz. „Luzitanci“. Preveo: Mirko Tomasović. Zagreb: Matica hrvatska, 2013.
7. E–Biografias. „Antero de Quental“. URL: http://www.e-biografias.net/antero_quental/
8. Infopédia – Dicionários Língua Portuguesa. „Corto Maltese“. Porto Editora. URL: <http://www.infopedia.pt/apoio/artigos/13128900?termo=Pand%C3%B3ra>
9. Infopédia – Dicionários Língua Portuguesa. „Alcácer Quibir“. Porto Editora. URL: [http://www.infopedia.pt/\\$alcacer-quibir](http://www.infopedia.pt/$alcacer-quibir)
10. Lourenço, Frederico. „Manuel Alegre, Poeta do Indizível“. Junho, 2010. URL: <http://www.manuelalegre.com/331000/1/022010/index.htm>
11. Macias Rodrigues, Dina. „O intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre“. Portugal: Instituto Politécnico de Bragança, 2008. URL: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5184/3/PDF%20Manuel%20Alegre.pdf>
12. Marques, Carlos Vaz. „Manuel Alegre. Há muita gente que gosta de mim por eu so um lírico. *LER*. Abril, 2010; 28-36. URL: <http://www.manuelalegre.com/documentos/1270253767E4hYI4sw7Bg03UB0.pdf>
13. Mexia, Pedro. „Dom Quixote, uma autobiografia“. *Diário de Notícias*. Setembro, 2005. URL: http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=623337
14. „PS desvaloriza artigo crítico de Manuel Alegre“. *Diário de Notícias*. Julho, 2007. URL: http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=661949

15. Rebelo, Marta. „Depois do quadrado, a geometria socialista. *Sábado*. Janeiro, 2011.
URL: <http://www.sabado.pt/Blogues/Blog-de-Esquerda/Janeiro-2011/Depois-do-quadrado,-a-geometria-socialista.aspx>
16. Remember Singapore. „10 Legends and Myths of Singapore“. June, 2012. URL: <http://remembersingapore.org/2012/06/29/singapore-legends-and-myths/>
17. Šabarić, Nedjeljko. „La cumparsita“. Tango Academia. URL: <http://www.tango.biz.hr/cumparsita.html>
18. The Museum of Modern Art. New York. URL: <http://www.moma.org/about/index>
19. Vaz, Raul. „Um homem tem espinha“. *Diário de Notícias*. Julho, 2007.
URL: http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=618030
20. Wolf, Justin. „Alberto Giacometti“. The Art Story Foundation. URL: <http://www.theartstory.org/artist-giacometti-alberto.htm>